

12 DIAS EM SODOMA

UARLEN BECKER

SALVADOR, 2004

Proibida a montagem, reprodução ou comercialização sem a prévia
autorização do autor e da ABRAMUS. Lei de Direito Autoral (nº
9610/98)

Entre em contato com o autor: becker.uarlen@gmail.com

12 DIAS EM SODOMA

Uarlen Becker

A luz vai crescendo e ilumina um enorme carrinho de vender café. Ele se move sozinho. Música ensurdecadora. Um homem corre para pegá-lo. Olha para o público e assusta-se. Põe-se a pensar. Ouve-se o início de uma história. O homem, que se chama João, faz um sinal e a narração cessa.

João – Chega dessas histórias! Hoje quem conta história sou eu! Podem me chamar simplesmente de M. E eu quero que esta seja uma história excitante. Lembro-me de meu padraço, que era cristão, contando para mim histórias sobre as cidades de Sodoma e Gomorra. Sodoma e Gomorra: onde tudo era permitido! E ele dizia que nós vivemos em Sodoma. Fiquei estarecido, mas achei aquilo incrível, nós vivemos em Sodoma! Nós vivemos em Sodoma. Como eu poderia, filho de pais analfabetos, eu praticamente analfabeto, pobre de mim, como eu poderia entender aquelas coisas da Bíblia? Como eu poderia saber do fim? E eu nem tinha me perdido ainda. *Pausa.* Qual o momento exato em que a gente se perde? *Pausa.* Da vida eu nem sabia. Também não conhecia a fantasia. *Pausa.* Achava tão engraçado meu rosto refletido na água que corria lenta no esgoto na frente de minha casa. E na frente da casa de seu Miguel, e na frente da casa de dona Firmina, e na frente da casa de dona Caçula, e na frente da casa de seu Lacerda, e na frente da casa de dona Tomázia. Era um rio que corria na frente de nossas casas, aquele rio negro, um rio sem peixes.

João - Estão vendo essa lojinha aqui atrás? Pois é. Eu escolhi este local para vender café. As pessoas daqui não tomam café. Aqui eles me verão mais rápido. Pois um dia eu estava botando café na garrafa, e o café estava tão quente, eu estava com muita pressa, e

o café tão quente, e eu com muita pressa e o café tão quente e eu com muita pressa e o café acabou derramando e queimou minhas mãos. E com o susto e a dor eu deixei cair a garrafa de café, que se espatifou no chão. Eu ainda corri para tentar pagá-la, mas só consegui pegar um caco do vidro que revestia internamente a garrafa térmica e me cortei. *Um tempo.* Pela primeira vez eu vi meu próprio sangue. O sangue: A vida. Instantaneamente lembrei-me da morte. Lembrei-me do Ivan e seus cabelinhos loiros. Tinha apenas seis anos, o Ivan e seus cabelinhos loiros. Apenas seis aninhos. Brincava um pouco distante de sua casa com um carrinho de garrafinha plástica cheia de terra.

João - Então o homem veio e lhe ofereceu quatro reais para o pobre Ivan ajudá-lo a ir acender velas para São Jorge. Caminharam por quase uma hora e na beira de uma praia deserta, o homem tentou beijar o menino, que resistiu. Ele tentou mais uma vez, o menino relutou, não permitiu, então o tal homem pegou uma pedra do mar, azul, linda, e se viu obrigado a bater na cabeçinha do Ivan, que desfaleceu. Então o homem... *Gesto de tirar as calças lentamente. Para.* Em seguida apertou com bastante força. *Tenta elevar as mãos até o pescoço.* Fora tão fácil apertar aquele pobre pescoço fino e macio. Não consegui olhar para o menino. Senti prazer e culpa. Depois enterrou o corpinho do pobre Ivan na areia. Dias depois, turistas falando alemão, francês e inglês sentiram um forte cheiro e chamaram a polícia. E o resto... Bem, o resto é fácil imaginar.

João - A velhinha do cento e um quando viu a notícia pela TV botou uma mão na testa, outra no peito e falou. “Misericórdia, piedade senhor, é o fim do mundo, onde nós vamos parar”? Que maldade fazer isso com uma criancinha!

João - E se fosse com um adulto, seria uma caridade?

João - O homem lembrou que já era tarde, noite avançada, chegaria na hora exata que seu padrasto estaria lendo em voz alta as Escrituras Sagradas e ele não admite interrupções. O homem com certeza levaria uma surra. Com vinte e um anos de idade. Eu já disse que essa casa tem regras, esse é um lar cristão, não admito chegar tarde em casa!

João - O velhinho de cento e um falou para a esposa, a velhinha do cento e um: “Minha opinião todo mundo já sabe, era cortar o pênis e os polegar e dar tudo pros cachorro comer, depois meter bala no safado que fez isso com o pobre menino.”

João - Tão ingênuo, o velhinho do cento e um. Imagine se a nossa República iria cometer esse abuso, esse acinte contra os direitos humanos! República e leis e sistemas que ele próprio, o velhinho do cento e um ajudou a criar! O pai do menino Ivan, deu no rádio, jornal e TV, o pai do Ivan perdoou o criminoso, mas se entregou à bebida e todas

as noites bate com a cabeça na parede, tentando dormir e esquecer a imagem do filho, no dia do reconhecimento. A hora em que o pai desesperado saiu do IML foi flagrada pelas lentes das câmeras dos telejornais, todos correram pra ver, e acharam absurdo, mas no outro dia esqueceram. Faço questão de lembrar.

João - A empregada dos velhinhos do cento e um disse: Isso acontece com quem não tem Jesus no coração, vai ver ele tava com o Diabo no corpo.

João - Com o diabo no corpo ou não, aquele homem era amante de literatura e naqueles dias lia lindos poemas e ouvia lindas canções. Recitava baixinho um poema.

João - Era o quinto dia. Após a morte, o jovem rapaz saiu com alguns colegas para uma higiene mental, foi a uma boate. Pela segunda vez experimentou o ouro branco. Cheirou bastante, como também cheirou o pescoço de duas moças ao mesmo tempo atrás das árvores no jardim da boate, curtiu muito, ele também era homem, ele sabia das coisas, sabia aproveitar a vida, escornado sobre um vaso sanitário do banheiro feminino, ele viu o sol nascer, e foi embora para casa, perdido dos colegas de boate, cheirando a pecado, o pecado sodomita tão combatido pelo padrasto. Na rua deserta, um menino caminhava sozinho, indo pra escola, segurando numa mão os livros sebertos e na outra um saquinho desses de supermercado com um pão e duas bananas, a merenda do pobre coitado. O rapaz enfiou uma das mãos no bolso da calça, ou enfiou as duas, eu não lembro bem, e sacudi algumas moedinhas. A criança olhou e sorriu ternamente. *Aproxima-se da criança, acena, mostra as moedas, insiste, chama o menino. Tenta beijá-lo, a criança resiste, aplica-lhe um soco com bastante força, a criança cai desfalecida.*

João - Depois de tudo consumado, voltou para casa e jogou-se na cama. Eu não me recordo muito bem, teria ele demorado a dormir? Agora lembro, acordou e já era noite. Ainda lépido e naturalmente foi até a área de serviço, botou o facão do padrasto numa sacola, retornou ao local onde estava o corpo, agora já era *o corpo* do garoto, que ainda segurava em definitivo os livros. As pequenas mãos roxas segurando o conhecimento e a sabedoria.

João - Saiu nos jornais, na televisão, deu no rádio: Criança estuprada, estrangulada, teve a cabeça decepada por maníaco.

João - E ele foi ao enterro. *Canta uma música própria desse tipo evento.* Olhou a face desolada da mãe do garoto. Uma velhinha lhe oferecia chá, provavelmente... Não

consigo lembrar o cheiro, apenas do caixão fechado. Dizem que a mãe, dona Firmina de Jesus, viu o filho pela TV, a identidade nas mãos de um repórter sanguinário.

João - O balconista de um bar, limpando seu velho balcão, revoltado, disse isso é um absurdo. Que mundo é esse? Um homem que tomava sua cervejinha diária berrou que tem que caçar e matar o filho da puta que fez isso. Nem deu ouvidos ao rapaz que tentava lhe vender uma porção de amendoim cozido como tira-gosto. O velhinho do cento e um disse todo mundo já sabe minha opinião, devia pegar esse marginal, fazer a mesma coisa com ele, só que com um cabo de vassoura, depois arrancar os olhos dele e jogar ele numa jaula com leões, se ele conseguir escapar, ele tá livre. A empregada, assistindo o anúncio da novela, disse eu entrego tudo a Jesus, e sorriu quando o galã beijou a atriz principal.

João – Estamos no nono dia! Os jornais e telejornais esqueceram rapidinho as outras notícias, pois o maníaco, o monstro vendia mais, muito mais. Monstro!, gritava a capa da revista. Monstro a solta!, berrava a capa da outra. A face do monstro! O monstro pode ser seu vizinho! Maníaco pelas ruas!, alardeava um pasquim. Quem conseguiria vender mais? O apresentador do telejornal da nação franzira as sobrancelhas e na outra notícia, logo em seguida, sorria ternamente. O maníaco, o monstro, sentado num banco de ônibus, via flashes de seus crimes. E sentiu uma vontade carnal.

João – Décimo primeiro dia. Como os dias hoje em dia passam depressa! Ele estava no quarto de um garoto e uma garota de programa, tinha no bolso uma quantia em dinheiro. O rapaz era um estudante, dali a dois anos seria médico, um excelente ginecologista como o pai, era o sonho da mãe, mas naquele momento ele se entregava às lambidas quentes e frenéticas de um homem e às mordidas lascivas de uma mulher. Acariciava o piercing no umbigo dela, que seria uma futura grande atriz de teatro. Mas foi interrompido pelo padraço, sempre ele, a tirar-lhe os momentos de prazer. O coroa reclamava do som alto.

- Porra coroa, vai dormir mais cedo, porra, me deixa em paz, botei o som alto pra você não escutar nossa conversa.

João – Para não ouvir os gemidos, deveria ter dito. A mãe fechou portas e janelas por causa dos vizinhos. Ele mandou o rapaz e a moça fossem embora, que só cobraram a metade do combinado. Ele com seu piercing no pênis. Ela com seu piercing no umbigo. Sua mãe lhe mandou ter calma. Ele teve calma. Desculpou-se, beijou a mãe, cujos olhos

se encheram de lágrimas. O padrasto deu as costas. As costas. E sentou-se no sofá. De costas. E foi ver TV. De costas. Sempre a TV! De frente, no canto nobre da sala, assim todos podem ver.

João – O padrasto era um homem bom. Tinha três casas que ele alugava e que lhe davam certa segurança financeira, mas gostava de trabalhar. Um homem só é útil para a sociedade quando trabalha, dizia ele. Desligou a TV e foi ler a Bíblia. Apertando os olhos, tinha que trocar os óculos. Trabalhava como motorista de ônibus, aturando o barulho do motor e aturando gente. Homem calvo e baixinho cumprimentava ternamente as pessoas, como convém a um homem educado. Todas as semanas presenteava a mulher com flores. No aniversário dela, sempre lhe dava um disco do Roberto Carlos. Seu maior sonho era realizar o sonho da esposa: ir num show do Roberto Carlos. O rapaz usou um facão. Mas não conseguiu decepar a cabeça daquele cristão, ficou zozinho quando viu o sangue espirrar. A cabeça pendeu do lado direito do corpo, a mãe vinha do quarto, assustada que ficou com o barulho seco e abafado. Sua camisola tinha flores bordadas com linha azul e rosa. Não deu tempo sequer de abrir a porta e fugir, gritar, pedir socorro. Foi atingida pelo jarro com flores já murchas que o marido lhe presenteara.

João – Olhou-se no espelho, ajeitou os cabelos. Abriu o guarda roupas da mão, foi certinho no bolso do paletó velho do padrasto: lá estavam as economias para o show do Roberto Carlos. Não sentia nenhuma emoção. Não se atentava para os detalhes. Desceu pelo elevador mesmo, os pés deixando pegadas de sangue. A noite escura como testemunha. Levou consigo a TV, a polícia pensaria que foi um assalto, mas no fundo ele queria mesmo ser pego. Esbarrou com o velhinho do cento e um que disse meu filho, não carregue tanto peso, senão vai ficar com problemas de coluna, como esse velho aqui. Ah, tão ingênuo o velhinho do cento e um...

João – Jogou a TV num monte de lixo na esquina, pois as pessoas desenvolvidas das cidades desenvolvidas jogam seus dejetos nas ruas. Foi dormir num hotel barato. Na ficha assinou Mônica, mas o atendente nem olhou.

João – Décimo segundo dia. Acordou bem cedo. Doze dias em Sodoma. Estava tudo planejado. Voltou para casa e pisou os pés apenas na garagem. Ninguém o viu entrar. O carrinho estava todo enfeitado. *Um tempo.* Enchi a última garrafa de café, Deus está nos detalhes, dizia meu padrasto. O café estava muito quente e eu estava com pressa. O café acabou derramando e queimou minhas mãos. Com o susto e a dor eu deixei cair a velha garrafa que se espatifou e eu acabei me cortando e vi meu próprio sangue.

Um tempo. Assustado, ele olha para os lados. Vozes o perturbam. Tenta atender aos chamados. Pára. Pausa.

João – Saí rapidamente dali. O ponto tinha sido escolhido. Em frente a uma lojinha que vende roupas para pessoas gordas. Aquelas criancinhas eu mandei para o céu, para junto de Deus, para que elas não sofram como nós sofremos. Eu bebi o sangue delas para ficar jovem e bonito como elas. O vizinho que passeia bem cedo com seu cachorro me viu saindo da garagem. Sorri para ele e ele correu. Foi chamar a polícia. Não sabe da terça metade. Eu vou confessar tudo, só estou esperando por eles. *Olha para longe, no horizonte.* Não disse? Aí vêm eles, esses homens da Lei! O filme que eu mais gosto é “Sansão e Dalila”, porque conta a história verdadeira de um homem que perdeu toda a sua força e depois se recuperou. Já sinto saudades de minha mãe, de minha casa, de ver o programa de domingo. Eu gosto de me disfarçar, me disfarcei assim. Foram doze dias aqui em Sodoma. O anjo está vindo me avisar. Vai segurar minhas mãos e me tirar daqui, para que eu não seja vítima da ira de Deus. Que fará queimar com fogo e enxofre.

“E, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, Ele as condenou, estabelecendo para as pessoas ímpias um modelo das coisas que hão de acontecer.”

Faz uma imagem como de oração, a imagem transforma-se num policial que o algema.

Em algum lugar do passado eu me perdi. Só não lembro quando.

João – Eu sou louco! Ninguém vai gostar dessa história, ninguém vai querer ler uma história de terror como essa. Ainda mais quando eu disser que essa foi uma história real que aconteceu no Brasil! Em vinte anos de profissão só conseguir fazer sucesso com um único romance. Esse que escrevo é o décimo! Minha empregada disse que eu deveria ser ator. Porque gosto de teatralizar as histórias que escrevo. Da última vez ela me flagrou nu, viajando por entre planetas. E chega de histórias de terror. Nunca conseguirei fazer sucesso com histórias de terror. Ainda mais no país do carnaval! Vou escrever uma história edificante, uma história para crianças, um conto infantil, um Andersen da vida. Algo como Monteiro Lobato. *Põe um novo papel na máquina.* Capítulo primeirinho: uma criança e um gato. A criança atira um pau no gato!

FIM

Proibida a montagem, reprodução ou comercialização sem a prévia
autorização do autor e da ABRAMUS. Lei de Direito Autoral (nº
9610/98)

Entre em contato com o autor: becker.uarlen@gmail.com